

CÍRCULO EPISTEMOLÓGICO DIGITAL: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA

*Jason Ferreira Mafra (UNINOVE)**

<https://orcid.org/0000-0002-3650-8055>

*José Walter Silva e Silva (UNINOVE)***

<https://orcid.org/0000-0002-2372-9780>

*Renata Pereira Pardim (UNINOVE)****

<https://orcid.org/0000-0002-7760-8511>

RESUMO

Este artigo discute o círculo epistemológico em sua versão digital, uma proposta metodológica de pesquisa que consiste na apropriação reconfigurada de conceitos freirianos, sobretudo os fundantes dos círculos de cultura. Enquanto este último tem como foco o processo de formação, o círculo epistemológico assume uma modalidade substantivamente investigativa. Para tanto, faz-se necessário estabelecer duas condições fundamentais. A primeira refere-se a uma dimensão de natureza técnico-operacional, na qual devem ser garantidos os instrumentos necessários ao acesso de pesquisadores(as) às ferramentas digitais. A segunda diz respeito à dimensão gnosiológica, pela qual são percorridos conceitos da tradição freiriana, dentre os outros, incompletude, inconclusão, inacabamento, diálogo e comunicação, os quais servem tanto para caracterizar sujeitos da pesquisa, quanto a realidade pesquisada e os achados de tal estudo. O diálogo configura-se como o principal instrumento, seja para a investigação, seja para o tratamento dos dados coletados. Para a construção do conhecimento dialógico, neste contexto, torna-se necessário a abertura para um novo processo pedagógico que se instaura, sobretudo, em decorrência da educação remota no contexto da pandemia da Covid-19. Assim, no círculo epistemológico digital, os(as) pesquisadores(as) devem estar atentos para um comportamento facilitador das práticas dialógicas, enfrentando e superando os discursos hegemônicos e fundamentalistas, já que qualquer atitude antidialógica compromete o próprio processo da pesquisa. Este estudo, metodologicamente, configura-se, portanto, numa leitura teórica, a partir do referencial freiriano, sobre as possibilidades e desafios da investigação científica, por meio da resignificação do círculo de

* Docente do Programa de Pós-Graduação Profissional de Educação (PROGEPE) da Universidade Nove de Julho (UNINOVE). Doutor em Educação. E-mail: / jason@uninove.br / jasonmafra@gmail.com

** Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Nove de Julho (UNINOVE). E-mail: waltersilva@uni9.edu.br

*** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Nove de Julho (UNINOVE). E-mail: rppardim@uni9.edu.br

cultura, que, na experiência estudada, converte-se em círculo epistemológico digital.

Palavras-chave: Círculo de cultura; Círculo epistemológico; Paulo Freire; Diálogo; Metodologia da pesquisa.

ABSTRACT

THE DIGITAL EPISTEMOLOGICAL CIRCLE: A PROPOSAL METHODOLOGICAL

This article discusses the epistemological circle in its digital version, a methodological research proposal that consists of the reconfigured appropriation of Freirian concepts, especially those founding cultural circles. While the latter focuses on the formation process, the epistemological circle takes on a substantively investigative modality. For that, it is necessary to establish two fundamental conditions. The first refers to a dimension of a technical-operational nature, in which the necessary instruments for researchers' access to digital tools must be guaranteed. The second concerns the gnosiological dimension, through which concepts of the Freirian tradition are covered, among others, incompleteness, inconclusion, incompleteness, dialogue and communication, which serve both to characterize the research subjects, as well as the researched reality and the findings of such study. Dialogue is configured as the main instrument, whether for investigation or for the treatment of collected data. For the construction of dialogic knowledge, in this context, it is necessary to open up to a new pedagogical process that is established, above all, as a result of remote education in the context of the Covid-19 pandemic. Thus, in the digital epistemological circle, researchers must be aware of a behavior that facilitates dialogic practices, facing and overcoming hegemonic and fundamentalist discourses, since any anti-dialogical attitude compromises the research process itself. This study, methodologically, configures itself, therefore, in a theoretical reading, from the Freirian framework, on the possibilities and challenges of scientific research, through the redefinition of the circle of culture, which, in the studied experience, becomes a circle digital epistemological.

Keywords: Culture circle; Epistemological circle; Paulo Freire; Dialogue; Research methodology.

RESUMEN

CÍRCULO EPISTEMOLÓGICO DIGITAL: UNA PROPUESTA METODOLÓGICA

Este artículo analiza el círculo epistemológico en su versión digital, una propuesta de investigación metodológica que consiste en la reconfiguración de los conceptos *freirianos*, especialmente los fundadores de los círculos de cultura. Mientras que este último se centra en el proceso de formación, el círculo epistemológico adquiere una modalidad sustancialmente investigadora. Para eso, es necesario establecer dos condiciones fundamentales. La

primera se refiere a una dimensión de carácter técnico-operativo, en la que se deben garantizar los instrumentos necesarios para el acceso de los investigadores a las herramientas digitales. La segunda concierne a la dimensión gnosiológica, a través de la cual se cubren conceptos de la tradición *freiriana*, entre otros, incompletitud, inconclusión, cosas no acabadas, diálogo y comunicación, que sirven tanto para caracterizar a los sujetos de investigación, como a la realidad investigada y sus descubrimientos. El diálogo se configura como instrumento principal, ya sea para la investigación o para el tratamiento de los datos recogidos. Para la construcción del conocimiento dialógico, en este contexto, es necesario abrir un nuevo proceso pedagógico que se establece, sobre todo, como resultado de la educación a distancia en contexto de la pandemia Covid-19. Así, en el círculo epistemológico digital, los investigadores deben de ser conscientes de un comportamiento que facilite las prácticas dialógicas, enfrentando y superando los discursos hegemónicos y fundamentalistas, ya que cualquier actitud antidialógica compromete el propio proceso de investigación. Este estudio, metodológicamente, se configura, por tanto, en una lectura teórica, desde el marco *freiriano*, sobre las posibilidades y desafíos de la investigación científica, a través de la redefinición del círculo de la cultura, que, en la experiencia estudiada, se convierte en un círculo epistemológico digital.

Palabras clave: Círculo de cultura; Círculo epistemológico; Paulo Freire; Diálogo; Metodología de investigación.

INTRODUÇÃO

A pandemia da Covid-19 conduziu as pessoas para um processo de isolamento social, produzindo novas realidades no mundo do trabalho e da comunicação. A utilização de ferramentas tecnológicas digitais tem se constituído, nesse contexto, como uma das principais estratégias para diminuir as distâncias entre as pessoas ao redor do mundo. Seria bastante natural, nesse processo de ampliação da utilização das tecnologias, pensar na potencialidade das ferramentas comunicativas digitais, também, enquanto possibilidades para elaboração de novas metodologias de pesquisa científica. Emerge, assim, o círculo epistemológico digital¹

como uma possibilidade tributária dos círculos de cultura propostos por Paulo Freire. Enquanto os círculos de cultura, que tiveram início no final na década de 1950, voltavam-se, basicamente, para o aspecto formativo, o círculo epistemológico digital, que comporta também uma dimensão formativa, converte-se numa proposta de metodologia de pesquisa, assumindo, portanto, como propósito central, a dimensão da investigação científica.

Para desenvolver essa reflexão, partimos da apresentação de conceitos freirianos fundamentais constitutivos dos círculos de cultura, de forma a estabelecer as relações entre comunicação e produção de conheci-

Julho (Uninove), conduzidas remotamente pelo professor José Eustáquio Romão, no primeiro semestre de 2020, em função da Pandemia do COVID-19.

1 Quem sugeriu a inclusão do adjetivo “Digital”, ao conceito de Círculo Epistemológico, foi o professor Ronaldo Lasakoswitsck, no contexto das atividades docentes desenvolvidas no doutorado em Educação da Universidade Nove de

mento. Apresentamos, em seguida, as condições técnico-operacionais necessárias tanto ao desenvolvimento de tal metodologia quanto à construção de seus propósitos gnosiológicos. No primeiro momento, são apontadas as exigências de uma pesquisa prévia acerca das condições de acessibilidade aos recursos tecnológicos inerentes às tecnologias de comunicação, incluindo aí a qualidade de *software* e de *internet* disponíveis aos(às) pesquisandos(as). No segundo momento, adentrando à dimensão gnosiológica, são apresentadas as condições conceituais calcadas na tradição do pensamento de Paulo Freire.

Como se poderá observar, para estabelecer o círculo epistemológico digital, dentre outros aspectos, é fundamental que pesquisadores(as) não apenas conheçam os mecanismos para estabelecimento de práticas dialógicas, mas, sobretudo, que estabeleçam uma atitude crítica com relação à cultura hegemônica. Nesse sentido, não se trata apenas de abandonar conceitos antigos, mas de cuidar para que a linguagem, explícita ou tacitamente, não seja reprodutora das marcas racistas, machistas, transfóbicas, dentre outras, tão arraigadas na cultura tradicional.

Na penúltima parte, discutimos uma metodologia possível para a realização do círculo epistemológico digital, sem, com isso, estabelecer um roteiro prescritivo, mas, ao contrário, sugerindo algumas inspirações indispensáveis à proposta aqui apresentada.

Por fim, trataremos de algumas problematizações para suscitar a reflexão sobre cuidados necessários ao exercício dessa metodologia, sobretudo, considerando o contexto digital. Longe de encerrar o debate, que aqui só iniciamos, nas considerações finais, teceremos algumas ideias voltadas ao estabelecimento de conexões entre as partes constitutivas deste texto.

O CÍRCULO EPISTEMOLÓGICO

O Círculo Epistemológico Digital inspira-se, antes de tudo, nas ideias do “Círculo Epistemológico”. Proposto por um grupo de pesquisadores(as) vinculados(as) aos Institutos Paulo Freire, liderados(as) por Romão (ROMÃO *et al.*, 2006), o Círculo Epistemológico emerge como metodologia de base para o trabalho de investigação científica, desenvolvido numa rede internacional de pesquisa do projeto “Globalização e educação”, no ano de 2005. Como sugere o próprio nome, por sua vez, essa proposta aporta-se nos círculos de cultura. Conhecidos como um dos pilares da educação popular brasileira, os círculos de cultura surgiram na década de 1950, em Pernambuco, no contexto dos Movimentos de Cultura Popular (MCP). Paulo Freire foi um dos estruturadores dessa proposta que se tornou o fundamento para a elaboração de seu método de alfabetização de adultos e das posteriores atividades educativas, seja no contexto latino-americano, seja nas diversas atividades de formação desenvolvidas na África e em outros países.

Como se pode observar em seus numerosos escritos, Freire remete-se aos círculos de cultura em quase todo o seu trabalho de educação popular, focalizando sempre o aspecto formador dessa metodologia. Todavia, pela própria ontologia do ato educativo, como ensina o mestre recifense, o círculo de cultura comporta em si, necessariamente, a dimensão investigativa, já que, para a educação libertadora proposta por ele, toda ação formadora é uma *didascália*, isto é, aprendizagem e ensino como dimensões de uma mesma realidade. Seguindo a proposta do próprio Freire, na qual não devemos apenas reproduzir suas ideias, mas reinventá-las, o Círculo Epistemológico Digital configura-se, portanto, numa tentativa de reinvenção necessária ao contexto contemporâneo.

A instalação de um ambiente favorável aos(as) pesquisandos(as) de um Círculo Epistemológico Digital funda-se no princípio freiriano de que ação educativa, seja de natureza investigativa, seja de natureza interventora, ocorre para que as pessoas se assumam protagonistas de suas falas. Assim, a enunciação dos sujeitos pesquisadores(as), que se faz no exercício de enunciarem a sua própria palavra, deve ser objeto de aguçada atenção e sensibilidade do(a) pesquisador(a), posto que tal enunciação exige o estabelecimento de relações dialógico-comunicativas², sem as quais restaria, apenas, persuasão e desumanização.

Para avançarmos nas considerações acerca dos elementos constitutivos de um Círculo Epistemológico Digital, urge apresentar, ainda que sucintamente, o pensamento de Paulo Freire acerca da indispensável relação comunicativa entre sujeitos cognoscentes e objeto cognoscível. Essa etapa é fundamental para que a leitora e o leitor

compreendam a perspectiva freiriana de comunicação e a sua relação com o conhecimento. Diferentemente das abordagens positivistas, que individualizam o sujeito na sua relação cognitiva com o objeto, ou das pós-modernas, que esvaziam o sujeito das metanarrativas que orientam percepções específicas sobre o objeto, Freire destaca a impossibilidade de produção do conhecimento sem a coparticipação de outros sujeitos, além do indispensável papel “mediatizador” do objeto no ato cognoscente. Para Freire (1979):

O sujeito pensante não pode pensar sozinho (*sic*); não pode pensar sem a co-participação de outros sujeitos no ato de pensar sobre (*sic*) o objeto. Não há um “penso”, mas um “pensamos”. É o “pensamos” que estabelece o “penso” e não o contrário. Esta co-participação dos sujeitos no ato de pensar se dá na comunicação. O objeto, por isto mesmo, não é a incidência terminativa do pensamento de um sujeito, mas o mediatizador da comunicação (FREIRE, 1979, p. 66).

Não é difícil entender a relação apontada por Freire entre comunicação e conhecimento. Para ele, é a partir da comunicação, dos aspectos que a compõem e de como ela própria é percebida, que ocorre o ato cognoscente. Freire diz que, ao se expor ao conhecimento, o objeto “dispara” a comunicação entre o sujeito pensante (individual) e o sujeito coparticipante (sujeito transindividual³) acerca dos conhecimentos coleti-

2 Alguns(mas) leitores(as) podem classificar essa expressão formulada por Freire (1979, p. 67) como redundante, argumentando que toda a comunicação pressupõe um diálogo; ou seja, naturalmente, o diálogo estaria implícito em toda e qualquer forma de comunicação, flexibilizando bastante o seu aspecto conceitual. Contudo, Freire nos alertará para o *modus operandi* de processos falsamente comunicativos, cuja natureza é substantivamente antidialógica, já que a “invasão cultural” confere uma das suas principais características opressoras. Trata-se, assim, de um processo, dentre outras características, marcado eminentemente pela persuasão da propaganda, pelos apelos dos slogans, pela falsa generosidade dos “depósitos culturais” e dos mitos, elementos normalmente utilizados para coisificar os sujeitos e não para emancipá-los. Na visão de Freire, a verdadeira comunicação jamais se apoiará em instrumentos que promovam a passividade do sujeito, que impeçam sua interação dialógica acerca do conteúdo do objeto, porque “o que caracteriza a comunicação enquanto êste (*sic*) comunicar comunicando-se, é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo” (FREIRE, 1979, p. 67).

3 Apesar de Freire não utilizar o termo “sujeito transindividual”, ainda que o conhecesse, (pois as discussões feitas pelo sociólogo francês Lucien Goldmann sobre consciência real e consciência possível foram recorrentemente incorporadas em suas discussões sobre conscientização), é evidente a aproximação do “sujeito co-participante” freiriano com o “sujeito transindividual” goldmanniano. Observamos essa semelhança, dentre outros lugares, na explicação que Löwy faz sobre o sujeito transindividual: “Goldmann não questiona as descobertas de Freud: é verda-

vamente produzidos sobre ele, quer seja no nível da *doxa*, que induz os sujeitos à compreensão mágica da realidade, quer seja no nível do *logos*, que, problematizando a *doxa*, busca conhecer a realidade por meio da razão crítica. É na comunicação entre os sujeitos pensantes e coparticipantes, estabelecida pelas mediações do objeto em um determinado fenômeno sociocultural, que ocorre o conhecimento. Segundo Freire (1979, p. 69) “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”.

A relação entre comunicação e produção do conhecimento traz consigo a necessidade de os sujeitos interlocutores compreenderem os signos linguísticos estabelecidos no diálogo, sob pena de inviabilizá-lo, comprometendo, por conseguinte, a inteligibilidade da comunicação e a produção do conhecimento. Se essa preocupação sempre esteve presente nos escritos formativos de Freire, destacadamente na denúncia que fez das práticas antidialógicas características das abordagens extensionistas dos agrônomos chilenos na década de 1960, ela também se faz presente, hoje, no âmbito da pesquisa, como condição para operacionalização dos Círculos Epistemológicos Digitais.

Longe de querer propor uma “cartilha”

de que a vida psíquica individual liga-se à libido e todo comportamento humano individual possui uma dimensão libidinal. Entretanto, as ações históricas, o domínio da natureza, a criação cultural não podem ser entendidos em sua significação, nem explicados em sua gênese senão partindo de um sujeito coletivo, ou antes, transindividual. Esse último não deve ser confundido com o misterioso sujeito coletivo proposto por Durkheim, ou seja, com uma consciência coletiva que se situaria fora ou ao lado da consciência individual: ele designa os grupos humanos, as coletividades nas quais os seres humanos pensam e agem juntos” (LOWY, 1995, p. 185, grifos do autor).

para a instalação de um ambiente comunicativo favorável ao Círculo Epistemológico Digital, o que resultaria numa forma emplumada de exercer o antidiálogo e numa contradição freiriana *in limine*, faz-se indispensável destacar a relevância de aspectos que, *a priori*, deverão estar presentes na prática desse instrumento. É que, na tradição freiriana, a investigação científica nunca está alheia à sua intencionalidade política, qual seja, ação de conhecer a realidade para nela intervir. Nesse sentido, é possível identificar a presença de duas dimensões no esperado ambiente dialógico-comunicativo a ser instalado.

A primeira, de natureza instrumental, envolve uma grande variedade de fatores relacionados à tecnologia da informação, dado que o Círculo Epistemológico proposto aqui assume a modalidade virtual. Nesse sentido, emergem duas questões fundamentais que se complementam: o acesso às conexões digitais e a qualidade dos equipamentos utilizados pelos(as) pesquisandos(as). Como dito, questões dessa ordem são inerentes à instalação de um Círculo Epistemológico Digital, podendo, se não devidamente verificadas, comprometer profundamente o andamento das atividades e, no limite, impedir a ação dialógico-comunicativa. Para tanto, faz-se indispensável a realização de uma pesquisa prévia sobre a acessibilidade de conexão digital dos(as) pesquisandos(as), de forma que o(a) pesquisador(a) conheça em que condições ocorrem as conexões com a *internet*, a qualidade/velocidade dessas conexões, bem como a configuração dos equipamentos que os(as) pesquisandos(as) utilizarão. A identificação do *software/aplicativo/portal* mais adequado para as às condições dos(as) pesquisandos(as) e aos objetivos propostos é outra questão que se agrega às anteriores. Nesse

sentido, é impossível não observar o impacto da atual pandemia na popularização das redes sociais e dos *softwares*/aplicativos nas atividades virtuais. Catapultados pelo isolamento social imposto como forma de prevenção à Covid-19, esses meios de conexão vêm sendo utilizados por todo o planeta como substitutivos das atividades que, até há pouco, eram realizadas presencialmente. Contudo, se tais adaptações vêm inflando a sua popularização, elas também vêm fornecendo pistas importantes dos problemas decorrentes do uso intensivo desses meios, sobretudo em situações que amplificam as suas finalidades originais. São pistas, portanto, que o(a) pesquisador(a) deve estar atento(a) para evitar decisões precipitadas e casuísticas, como o que vem ocorrendo com diversas instituições educacionais. Por inexperiência, falta de estrutura ou visão pedagógica equivocada, as ações pedagógicas dessas entidades têm sido amplamente contestadas por educadores/as e alunos/as e especialistas.

A inexperiência dos(as) docentes, discentes, famílias e demais agentes envolvidos no processo educativo; a inadequação/inexistência das condições mínimas de conexão e de equipamentos necessários, dentre outras questões que ainda serão abordadas nesta seção, comprometem profundamente a relação dialógico-comunicativa. Assim, ainda que a popularização desses softwares/aplicativos/portais tenha sido potencializada, recentemente, a escolha por um ou outro equipamento de conexão deve estar alinhada, de um lado, com os propósitos e metodologia do(a) pesquisador(a), respeitando as limitações operacionais e funcionalidades de cada um deles e, de outro, com a acessibilidade e a familiaridade (domínio operacional) dos(as) integrantes em relação a eles.

Como se observa, o ambiente físico em que se encontra cada participante e os seus desdobramentos relacionados à produção audiovisual (conforto acústico, iluminação, segurança da transmissão, dentre outros), também são questões que se ligam aos aspectos tecnológicos do Círculo Epistemológico Digital. Nesse momento, a participação do(a) pesquisador(a) far-se-á indispensável para a orientação dos(as) pesquisandos(as), pois é esperado que muitos deles(as) apresentem pouca familiaridade com problemas típicos da produção de conteúdos.

A segunda dimensão, igualmente importante, diz respeito à relação pedagógica de natureza dialógico-comunicativa. Para tanto, primeiramente, há que se construir novos acordos ou combinados necessários ao estabelecimento do diálogo. São acordos que passam tanto pelas construções coletivas sobre a melhor maneira de qualificar a participação, quanto pela estruturação e uso do ambiente físico, em que se encontram cada participante e os seus desdobramentos (conforto acústico, iluminação, ambiente de acesso etc.)

As questões pedagógico-operacionais a serem construídas entre os(as) participantes do Círculo Epistemológico Digital é de fundamental importância, para que a atividade não se perca nos extremos do voluntarismo, este sim, um falso acordo. O voluntarismo é uma forma dissimulada de autoritarismo, já que os excessos de flexibilização e improviso corrompem as possibilidades do diálogo. Um autêntico acordo deve envolver e estimular a participação dos(as) pesquisandos(as), mas, igualmente, a do(a) pesquisador(a), pois a inibição do diálogo pode decorrer, justamente, pelo desrespeito e a não assunção dos(as) participantes ao que foi acordado coletivamente. Uma vez que o conhecimento ocorre em um ambiente dialógico, esse acor-

do deve considerar, dentre outros aspectos: as especificidades dos(as) participantes; as formas respeitadas de solicitar e garantir a fala de todos(as); a objetividade das participações, evitando desvios que desloquem o foco do tema discutido; o equilíbrio, considerando o tempo de realização dos encontros e do uso da palavra (quando a dinâmica da proposta requerer a forma depoimento/apresentação); a importância das diferentes formas de expressão (visual, gestual, linguística, vocabular, dentre outras); o respeito às diferentes leituras de mundo. Em outros termos, vale dizer que o acordo é o instrumento necessário para legitimar a participação democrática dos(as) integrantes.

Mesmo que os(as) participantes estejam comprometidos(as) com a relação dialógico-comunicativa, pode ocorrer que eles(as) não percebam comportamentos inibidores do diálogo, pois não incorporaram os elementos pactuados nas suas práticas. Em casos como esse, ou de natureza semelhante a esse, faz-se necessário que sugestões comportamentais sejam discutidas no grupo, a fim de garantir o cumprimento do acordo construído coletivamente. Dessa forma, sugestões comportamentais podem emergir sob a forma de simples orientações procedimentais, como a anotação de questões para serem apresentadas em momento oportuno, ou assumir formas mais complexas, sobretudo naquelas situações que envolvem posicionamentos sociopolíticos e religiosos conflitantes. Nesses casos, a substituição de termos potencialmente ofensivos (geralmente consagrados pela sociedade machista, homofóbica, racista) por outros, efetivamente inclusivos, podem ser um ponto de partida para a revisão de leituras do mundo menos permeáveis, propensas a abordagens fundamentalistas, sejam elas religiosas, políticas ou de outra natureza.

Duas observações devem ser feitas em relação às sugestões comportamentais. A primeira é que elas devem estar sempre alinhadas com o objetivo da implantação do Círculo, garantindo a execução do acordo combinado coletivamente. A segunda é que fenômenos antidialógicos jamais podem ser naturalizados ou dispensados de uma análise sociológica por parte do(a) pesquisador(a). Pelo contrário, é a partir do “estranhamento” de fenômenos dessa natureza, sobretudo se eles estiverem entranhados na leitura do mundo dos(as) pesquisandos(as), que o exercício de abstração compreensiva do fenômeno por parte do(a) pesquisador(a) poderá levá-lo(a) à identificação de singularidades constituintes do fenômeno, capazes, inclusive, de revelar estruturas significativas ainda não percebidas nem previstas no desenho inicial da pesquisa.

Também é possível que os membros do grupo percebam a necessidade de sugerir correções metodológicas pertinentes à condução do(a) pesquisador(a), momento em que ele(a) deverá demonstrar maturidade para rever métodos e procedimentos a fim de promover as mudanças necessárias à continuidade dos trabalhos.

Outra importante questão de ordem operacional refere-se ao indispensável caráter flexível que deve ter o roteiro a ser construído pelo(a) pesquisador(a). Ainda que a flexibilidade seja semelhante aos dos roteiros das pesquisas semiestruturadas em profundidade, os roteiros dos(as) pesquisadores(as) dos Círculos Epistemológicos Digitais devem atuar como instrumentos de provocação e de animação dos(as) integrantes. Devem ser roteiros instigantes que possibilitem constantes interações teóricas, empíricas e existenciais. Nesse momento, o(a) pesquisador(a) já deve estar convicto(a) de que o conhecimento decorrerá do diálogo a

ser estabelecido entre os(as) participantes, mas também de que tais interações poderão refazer o desenho inicial da pesquisa, possibilitando uma reorientação investigativa marcada pela influência do sujeito transindividual. É justamente a capacidade de estabelecer profundas interações dialógicas-comunicativas, interações epistêmicas capazes de apontar correções no desenho original da pesquisa, logo no seu início, que torna essa práxis diferenciada. Jamais essa diferenciação pode ser interpretada como manifestação de um espontaneísmo que relega ao segundo plano o planejamento ou o rigor metodológico. Pelo contrário, além de permitir a conjugação de diversas técnicas de coleta de dados durante o seu processo de produção de conhecimento, essa metodologia comunicativa possibilita a compreensão e o exercício consciente da incompletude, da inconclusão e do inacabamento, especificidades dos seres humanos e dos processos do conhecimento, que se expressam a partir das interações epistêmicas do(a) pesquisador(a) com o sujeito transindividual (ROMÃO *et al.*, 2006).

Apresentadas as questões pertinentes à dimensão técnico-operacional, outra gama de questões de natureza dialógica comporá, agora, a dimensão gnosiológica do Círculo Epistemológico Digital.

A primeira delas refere-se ao pleno conhecimento dos(as) participantes acerca da definição, dos princípios e das expectativas que envolvem o Círculo Epistemológico Digital, bem como o objeto da pesquisa em andamento – esse último, aliás, o indispensável ponto de partida de qualquer pesquisa social. É esse procedimento inicial que possibilitará o acesso dos(as) integrantes do Círculo às especificidades do método, às bases teóricas nas quais ele se assenta, além das expectativas do(a) pesquisador(a)

com a sua implantação. Tão importante, portanto, quanto promover a compreensão acerca do objeto é promover a compreensão do método, afinal, o conhecimento coletivo que resultará da pesquisa deverá voltar-se, em forma de intervenção, para o universo pesquisado do qual fazem parte os(as) próprios(as) pesquisandos(as).

Em função das relações estabelecidas entre o objeto e os(as) pesquisandos(as), que os(as) impedem de apontar para o objeto, posto que eles(as) interagem no mesmo universo, faz-se indispensável provocá-los(as) a respeito da consciência do papel político que eles(as) desempenham na construção coletiva do conhecimento. Aqui se estabelece um momento de dupla provocação, pois, conscientizar-se do papel que desempenha nesse universo é também conscientizar-se do papel político de construir o conhecimento que poderá transformá-lo(a)⁴. Fala-se, aqui, de uma práxis epistemológica impossível de ser apartada nessa metodologia comunicativa, porque voltada à intervenção da realidade.

Eis a razão pela qual a provocação da consciência política dos(as) pesquisandos(as) torna-se indispensável à relação dialógico-comunicativa do Círculo Epistemológico Digital. Se, em certa medida, já foi discutida a importância dos(as) participantes preservarem um ambiente propício e estimulante ao diálogo, tão importante quanto instalar tal ambiente é inibir atitudes antidialógicas, seja dos(as) pesquisandos(as) seja do(a) pesquisador(a). Afinal, como observou Romão *et al.* (2006), há uma relação de autoridade associada à pesquisa que projeta no(a) cientista uma condição de detentor(a) do poder do conhecimento, situação cujo rompimento não é fácil, implicando uma desconstrução social.

4 Na verdade, transformá-los(as), pois sujeito e o objeto se transformam mutuamente.

Se é na comunicação com o sujeito transindividual que o sujeito individual constrói o conhecimento, mediatizado pelo objeto, estabelecer relações dialógicas-comunicativas torna-se, portanto, uma questão central na produção do conhecimento e na condução do Círculo Epistemológico Digital. Também é uma questão central a permanente provocação quanto à identificação de ações potencialmente transformadoras da realidade investigada, afinal, é exatamente isso o propósito desta metodologia: possibilitar, por meio de uma relação dialógico-comunicativa, a produção de conhecimentos a partir das realidades epistêmicas dos(as) participantes. Ciente da importância dessas provocações, dos efeitos que elas podem promover para a compreensão e transformação da realidade, o(a) pesquisador(a) volta-se a ela e aos(às) pesquisandos(as), animando-os(as) a pensarem em inéditos-viáveis sobre uma realidade cada vez mais desnaturalizada.

METODOLOGIA

Para implementação do círculo epistemológico digital, além das dimensões sobre as quais discorreremos anteriormente, compreendemos ser indispensável a explicitação do conceito de diálogo em Paulo Freire, tendo em vista ser esta uma categoria central desta proposta. Em Freire, parte-se do pressuposto de que as verdades não são absolutas, mas relacionais, isto é, constituem-se enquanto representações históricas, sociais e parciais, dependendo, portanto, da perspectiva e do contexto. Todavia, elas se elevam cientificamente quando produto do sujeito transindividual. Segundo os estudiosos freirianistas:

As verdades coletivas – ainda incompletas, inconclusas e inacabadas, mesmo que produzidas pelo sujeito transindividual – supe-

ram as verdades individuais e/ou resultantes da mera somatória das perspectivas, por causa da introdução de um novo elemento no Círculo Epistemológico (ROMÃO *et al.* 2006, p. 8).

Promover um ambiente facilitador do diálogo é um dos primeiros compromissos para as pessoas que almejam utilizar essa metodologia de pesquisa. O diálogo nessa perspectiva diferencia-se de outras formas, como o diálogo socrático, a retórica ou os círculos de discussão, pois, na visão do pensador brasileiro, ele não é mera forma de transmissão do estabelecido, mas, antes de tudo, um processo de construção do conhecimento. Assim diz o teórico da “Pedagogia do Oprimido”: “O que é o diálogo, neste momento de comunicação, de conhecimento e de transformação social? O diálogo sela o relacionamento entre os sujeitos cognitivos, podendo, a seguir, atuar criticamente para transformar a realidade” (FREIRE; SHOR, 2001, p. 65).

Freire recorda que o diálogo faz parte da natureza histórica do ser humano, algo que compõe para o nosso processo de humanização. Somos seres com condições para encontrarmos-nos e refletirmos de maneira dialógica sobre a realidade que vivenciamos. É como uma postura que adotamos perante a vida, na qual selamos nosso relacionamento. Tecemos nossas relações com as demais pessoas, diante desta postura de dialogar, de construir junto as considerações e os achados sobre a vida.

Por ser uma postura diante da vida, não é possível o desenvolvimento de um conjunto artificial de técnicas para dialogar. Da mesma forma, não poderá o diálogo autêntico transfigurar-se, meramente, em uma maneira de nos tornar amigos das pessoas. O diálogo não cumpre uma função recreativa, ele é a maneira como concebemos a forma de lidar com os demais seres humanos. Nos

comunicarmos com as pessoas, em processo de mediatização com a realidade social. Assim, o diálogo não é um bate-papo, uma conversa fiada ou algo do tipo.

Nesta perspectiva gnosiológica, ele se apresenta como uma condição cognitiva e pedagógica, já que, por meio dele, podemos não apenas produzir saberes autênticos, mas, ao mesmo tempo, construir relações democráticas com as pessoas com as quais nos propormos a dialogar. Para que aconteça uma situação dialógica existem diversos condicionantes. Um deles é a humildade, sem a qual torna-se impossível construir uma relação horizontal, indispensável ao estabelecimento de uma comunicação democrática. A humildade, também, possibilita-nos reconhecer verdadeiramente os “saberes de experiência feitos”, que acompanham as pessoas com as quais iremos nos comunicar. Quando nos colocamos na posição de sujeito que também aprenderá, aproximamo-nos mais qualitativamente das pessoas, já pelo respeito que evidenciamos nesse ato.

O diálogo é, em si, um ato político, além de metodológico, já que construído dentro de condições políticas. Para tanto, a responsabilidade dos envolvidos é algo primordial.

Construir conhecimento dialogicamente requer disponibilidade, visto não existir diálogo pela imposição ou num processo de opressão. Assim, a escuta ativa é uma outra condição indispensável para haver diálogo. Não precisamos “dar voz” às pessoas, se acreditamos que isso é uma condição humanamente ontológica. Mas se não criamos condições para escutá-las, de maneira atenta e sensível, negligenciaremos essa condição. Escutar não significa ser permissivo a qualquer fala ou qualquer demanda, já que o diálogo, também, pressupõe-se disciplina e estabelecimento de objetivos. Não há diálogo num vazio intencional.

Para a pesquisa, no Círculo Epistemológico Digital, o(a) pesquisador(a) deverá desenvolver um ambiente favorável, de maneira que pesquisandos/as pesquisadoras e pesquisadores consigam fazer essa interação comunicativa e dialógica. Para os(as) primeiros(as) estudiosos(as) dessa reinvenção freiriana:

O Círculo Epistemológico permite que o pesquisador e o pesquisando reflitam sobre o objeto investigado, mobilizados por uma questão geradora de debate. A partir dela, acontece a enunciação de situações existenciais, carregada de conteúdo emocional, manifesto pelo universo cultural vocabular. Ambos, pesquisador e pesquisando, analisam os temas e sub-temas codificados e decodificados, a partir dessas situações existenciais, mediados pela problematização das situações. Ao proceder dessa forma, eles denunciam suas condições existenciais, movidos pela ação-reflexão-ação e pela proposição de saídas para o impasse, anunciando novas possibilidades de intervenção na realidade (ROMÃO *et al.*, 2006, p. 181).

Durante todo processo de investigação, os dados coletados bem como os temas anunciados ou denunciados, devem ser tratados na mesma perspectiva dialógica. Desta maneira, pressupõe-se que não apenas dados objetivos, mas as impressões de pesquisadores/as também devam ser compartilhadas com pesquisandos/as. Trata-se de uma maneira de realizar pesquisa com e não sobre as pessoas e seus contextos, ou seja, uma forma em que ambos reescrevem “a história desse conhecimento” (ROMÃO *et al.*, p. 188).

CÍRCULO EPISTEMOLÓGICO NO CONTEXTO DIGITAL: PROBLEMATIZAÇÕES

Como observamos em nossas considerações até aqui, o diálogo é o elemento central para a construção do Círculo Epistemo-

lógico Digital. Se, de um lado, a sua concretização exige que participantes disponham de recursos tecnológicos e que detenham as condições técnicas para efetivação desta metodologia, de outro, ao apontar as dimensões indispensáveis para a realização de uma pesquisa nesta perspectiva, novos elementos se apresentam.

Embora a pandemia tenha acelerado a inserção de muitos/as usuários nos ambientes digitais, sobretudo com a popularização de diversas plataformas comunicativas, não podemos ignorar que num país com o histórico de desigualdades, como o Brasil, a exclusão digital é um fator significativo para inviabilizar essa proposta metodológica. Vale destacar que, no contexto atual de um governo negacionista e excludente, não há qualquer política, em nível federal, que aponte para a melhoria dessas condições.

O círculo epistemológico, realizado presencialmente, para atingir grande interação entre envolvidos, demanda esforço para os longos períodos de debates. O mesmo pode ocorrer no ambiente virtual. Entretanto, a exposição a longos períodos entre telas, tende a provocar outros desafios à comunicação, dentre os quais, maior desgaste físico e mental. Sendo assim, o(a) pesquisador e o(a) pesquisador(a) necessitam de uma postura mediadora atenta para evitar ou minimizar tal situação de esgotamento.

A proposta do círculo epistemológico, na perspectiva freiriana, considera que o levantamento de informações, dados, achados etc. não pode estar indiferente à dimensão da sensibilidade. É que, reconhecendo a subjetividade das relações, compreende a criação de vínculos afetivos entre as/os participantes. Pesquisandos(as) irão trazer elementos de sua realidade, por vezes, de duras experiências pessoais. A escuta aten-

ta do(a) pesquisador(a) tende a favorecer essas narrativas.

Em atividades presenciais, esses vínculos tendem a ser fortalecidos nos momentos de lazer ou de confraternização, em que as pessoas, por meio de gestos (olhares, cumprimentos e até mesmo abraços) exercitam a afetividade.

No ambiente digital, a construção desses elementos de acolhimento e afetividade, também, deve ser considerada. O(a) pesquisador(a) precisa buscar formas criativas para promover esse espaço de acolhimento. Atentar-se para a maneira como as vozes se apresentam; ficar atento(a) às câmeras frequentemente desligadas; estimular a fala de todos(as); fazer intervenções particularizadas etc. são ações necessárias ao processo de mediação.

O ambiente dos encontros, em geral, pelos limites das atividades remotas, não é terapêutico. Ainda que possa se revestir de uma experiência significativa para favorecer o bem-estar das pessoas, não é, naturalmente, acolhedor. Assim, é importante considerar uma postura de descontração, de alegria, utilizando-se, sempre que possível, de recursos multimodais capazes de promover um clima amistoso e de acolhimento. Como Freire assinala, frequentemente, o rigor da pesquisa acadêmica não precisa estar assentado num ambiente sisudo, excessivamente formal. Dentro de tantas preocupações, com instabilidade de conexão, mal funcionamento de aplicativos, além de outros problemas tecnológicos, é de fundamental importância que o/a pesquisador/a possibilite momentos de descontração, indispensáveis à confiança entre participantes. As linguagens artísticas e a multimodalidade podem ser recursos especiais para a construção desse ambiente digital favorável ao diálogo e à interação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo, apresentamos a proposta do Círculo Epistemológico Digital, uma ideia de metodologia de pesquisa científica, inspirada nos círculos de cultura, de Paulo Freire e nos círculos epistemológicos. Propostos inicialmente para experiências presenciais, hoje apresentam-se ressignificados, na versão virtual, mediante o contexto pandêmico.

Para tanto, realizamos uma contextualização histórica acerca do círculo de cultura, retomando sua gênese e os conceitos fundantes da experiência freiriana. Além do diálogo, foram problematizadas outras categorias do círculo epistemológico, dentre as quais, incompletude, inconclusão e inacabamento. Trata-se de elementos condicionantes e, portanto, indispensáveis à realização desta metodologia, já que abordam não apenas os elementos relacionados às condições materiais de acesso às tecnologias, mas, da mesma forma, às questões basilares da comunicação freiriana.

Por fim, destacamos, nessa ressignificação, questões fundamentais que podem contribuir para a construção de uma postura coerente com a perspectiva dialógica dessa metodologia de investigação.

Distantes da ideia de finalizar o debate, ora apenas iniciado, encerramos esse texto,

com a perspectiva de que ele possa suscitar novas reflexões acerca das possibilidades de implantação de realização dessa proposta metodológica. Entendemos esse movimento como um esforço para cumprir um desejo insistente de Paulo Freire, ao falar de seu próprio legado, qual seja, o de que suas ideias e conceitos não fossem rigidamente seguidos, mas, constantemente, problematizados e reinventados.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D'água, 1997.

LÖWY, Michel. Lucien Goldmann ou a aposta comunitária. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 9, n. 23, p. 183-192, abr. 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ea/v9n23/v9n23a12.pdf>. Acesso em: 25 jul. de 2020.

ROMÃO, José Eustáquio; CABRAL, Ivone Evangelista; CARRÃO, Eduardo Vítor de Miranda; COELHO, Edgar Pereira. Círculo Epistemológico: Círculo de Cultura como metodologia de pesquisa. **Educação e Linguagem**, São Bernardo do Campo, v. 9, p. 173-195, 2006.

Recebido em: 18/08/2021

Aprovado em: 06/09/2021